



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

Centro de Ciências Humanas – CCH

Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Memória Social e Documento – MMSD

*Metodologia de História Oral*

**ENTREVISTA COM ELIZANA DA COSTA SILVA**

Data: 12 de setembro de 2004

Local: Rua Elpídio, 680, Vila Emil, Mesquita (casa da irmã da depoente)

Entrevistadora: Maria Fatima de Souza Silva

Tema: Emancipação de Mesquita

Conferência final realizada em:

**(FATIMA)** – Eu gostaria que você inicialmente falasse da sua ligação com Mesquita. Se você nasceu aqui ou veio de algum outro lugar. Caso você tenha vindo de outra região, explique os motivos dessa mudança e a escolha por Mesquita né, da sua família no caso. É quando foi que isso aconteceu e como é que era Mesquita nessa época. Se você nasceu aqui, eu gostaria também que você lembrasse um pouco de Mesquita antigamente, algumas coisas que você possa se recordar, como é que era esse lugar, na sua, na sua infância, quando você era jovem né, na sua juventude com 18 ou 19 anos, você é uma pessoa jovem, continua sendo jovem, mas com 18 ou 19 anos o que que tinha de atração, de lazer né, como é que enfim era a cidade nessa época né, que não era cidade ainda né, era um uma região de Nova Iguaçu, como é que era isso?

**(ELIZANA)** - Bem, é a minha família é morava no Rio de Janeiro, no município do Rio de Janeiro, é numa área popular próximo à Pavuna na Costa Barros, alguma coisa desse tipo, meus pais viveram, viviam neste local. E, nós nos mudamos para Éden, para a casa dos meus avós, da minha vó, é, nos anos 60, eu nasci em 1960, eu tenho 44 anos, é, e no início dos anos 60 ou 65 é a primeira lembrança que eu tenho de Mesquita né. Nós viemos num domingo com o meu pai para ver o local que estava sendo loteado, onde ele ia comprar o terreno né, então era na Vila Emil, onde nós moramos até hoje, onde minha mãe mora até hoje. E era um grande descampado, um local com muita Tabatinga que era uma característica dessa região do nosso lado pelo menos, que eu acho que os sítios quando foram loteados do nosso lado já eram barreiro, diferente de Banco de Areia, mas na Vila Emil já era isso. E muito, muita Tabatinga, barro, tanto que tinha um barreiro. Meu pai comprou um terreno porque já tinha quatro filhos, ia pro quinto, é, pobre de família pobre, motorista de ônibus e queria ter um lugar pra morar, sem ser ficar pagando aluguel né. E veio e comprou um terreno e nós mudamos pra Mesquita em 1966 né, e a Vila Emil era um loteamento com pouquíssimas casas, é interessante que a gente tava até lembrando esses dias, até hoje tem característica da Tabatinga quando se fura poço, que as ruas eram muito baixas e o quintal era alto né. Então o “arruamento” era esse, é, não tinha água né, a luz chegou logo né, no loteamento até que chegou rápido, nós moramos na rua Hipólito e só tinham duas casas na rua quando nós viemos morar em Mesquita. E tinha o seu Osório, que a Maria Fátima não sei se já viu ou ouviu falar que no final da rua Hipólito ele tinha um um poço e ele servia água pra todo mundo que morava ali. Ele andava a cavalo, era muito engraçado, a gente falava, todo mundo lembra dele, não tem uma criança né, não tem uma pessoa que não tenha tido uma infância e não lembre do seu Osório. Ele morreu há alguns anos, desse lado, do lado que nós vivíamos na Vila Emil,

Vanda  
PI  
Mesquita  
1966



tinha aí o seu Osório e tem um valão que até hoje tem bem na esquina da rua Hipólito que do outro lado era o barreiro que depois surgiu o Cosmorama já nos anos 70, 80. E tinha um lugar que todo mundo nadava, era conhecido Barreiro, minha mãe nunca deixava a gente nadar lá, era um inferno né. E tinha uma mina d'água, foi a primeira Cobre, essas coisas, era um troço muito, muito rural mesmo, um pouco rural. Não tinha ônibus né e eram, era isso né, não tinha escola, nós viemos pra Vila Emil sem ter nada disto, não tinha praça, todas as coisas que eles prometem nos loteamentos não tinha. Era um loteamento né. No final dos anos 60, é foi construído o é o Educandário All Disney né e nós fomos estudar. Era uma escola particular só que meu pai como era da CPC, aquela essa Companhia de Ônibus do Rio tinha bolsa de estudo e a gente estudava, nós estudávamos lá., fomos estudar né nessa escola e as pessoas começaram, começou esse, neste período a ocupação começou a ser maior né, só que era só dos terrenos. Eu não lembro o ano, deve ter sido 1970 e alguma coisa, setenta e poucos, minha mãe talvez lembrasse, que foi feito as casas do Banco, começaram a ser construídas as casas do Banco, que se chamaram Vila Emil, de verdade o que era chamado Vila Emil são as casas que foram construídas por um Banco né num outro pedaço.

**(FATIMA)** – São aquelas mais na frente

**(ELIZANA)** – Não, são as mais pra cá, aquelas foram posteriores. É no pedaço que vai é da Hipólito das ruas até aquele pedacinho da Luíza Gurgel, não tem mais ou menos como separar as ruas. Ali foi construído um conjunto de Bancos, ali passou a ser a Vila Emil, até então o nosso lado era Nova Mesquita como até hoje pra gente que é mais antigo ainda é e o outro lado era Mesquita. Então o lado da, do loteamento é da Vila Emil, dessa parte toda, era Nova Mesquita, ela começa bem depois da, da ocupação de Mesquita do outro lado né, da antiga Mesquita. E foi toda.

**(FATIMA)** – Que Bancos eram casas de Bancos, que Bancos?

**(ELIZANA)** – Eram um Banco, era um Banco privado, era um Banco privado, eu não lembro se era Banco Nacional, talvez a gente consiga até levantar isso, mas era um Banco. Tinha muitos empreendimentos, interessante agora a gente tem essas cooperativas, essas corporações, mas eram Bancos que construíam, que eu lembro que era as casas do Banco, eu lembro do meu pai falar isso, eram as casas do Banco, e aí deu o nome de Vila Emil né. Não tem nem muito que era uma vila mesmo, eram casas dentro de um local que era um loteamento. Elas estavam ali dentro, mas elas não eram todas, Vila Emil era só aquele pedacinho. Virou tudo depois, Nova Mesquita ficou mais ou menos conhecida como Vila Emil, mas existia essa diferença, existe essa diferença. E se caracterizou como um bairro residencial, tínhamos nenhuma atividade comercial, primeiro a barraquinha, a padaria. Eu lembro a primeira padaria era o seu Rafael que por coincidência era uma pessoa que morou em Éden que também veio pra Mesquita é continuar uma atividade econômica e era a primeira barraca. Eu acho que o, o padeiro ainda mora na rua Hipólito que é o senhor que era o filho da Dona Benedita, seu Vavá, acho que ele ainda tá vivo. Ele era o padeiro né, e era novo também. Então essas pessoas, esse bairro, esse local ele começou a ser, começou a ter uma característica claramente residencial. A casa, as casas do Banco, todos nós e muitas pessoas que compraram terreno naquela época começaram a construir, já nos anos 70 acho que uns quatro ou cinco anos depois que a gente estava, tinha tido uma ocupação rápida, nós chegamos com poucas casas nas ruas, agora rapidamente as pessoas começaram a construir né, e e era interessante que até a característica do bairro era diferente da de Santo Elias, as ruas eram, eram e são mais amplas, um bairro caracteristicamente residencial né. E essa foi a realidade da Vila Emil durante muitos anos na nossa juventude, cada vez foram construídas mais casas, a atividade econômica no máximo eram algumas barracas, a padaria é o mercadinho, sempre muito pequeno. Nada grande.

**(FATIMA)** – Mas e a fábrica, você pegou ainda a fábrica de cimento a Ludolf Ludolf que fabricava telhas?



**(ELIZANA)** – Não, quando nós viemos ela já estava paralisada as atividades. Nós vimos as fabricas, vimos a fábrica, os restos da fábrica e também começou a ser loteado ali em volta também né, mas não pegamos mais né. Tinha uma coisa que era a nossa única atividade cultural e social era a Igreja né que rapidamente também chegou. Então tem um período, no início dos anos 70, que a Igreja manda umas irmãs pra cá né, e aí isso fez, criou uma relação, acho que passamos a ter uma relação somente de ir às missa uma vez por mês, o padre só vinha uma vez por mês e era um barracão né e passou-se a ter uma atividade. Isso criou, eu avalio, que nos jovens daquele período mais ou menos que viviam em torno da Igreja, que era a única atividade que tinha, inclusive era essa a da Igreja Católica, criou um elo né. A gente passou, alguns de nós passou a se conhecer nessa época, ainda muito crianças, aos 12 anos de idade, não era mais que isso né. Foi, acho que foi a primeira coisa assim que eu me lembro de ter participado de uma atividade coletiva, de grupo, que antes eram casas e crianças que moravam nos seus terrenos e no máximo brincávamos na rua, não tinha nenhuma outra atividade. A escola que tinha, era uma única escola, que começou já no final dos anos 60, que era o Educandário All Disney que depois virou Raquel Richuen, né, que era uma, uma das irmãs. Elas eram muito jovens, elas levavam a gente até em casa, vê era muito interessante isso. É, eram as únicas atividades, nossa primeira atividade social que eu me lembre foi essa, da localização, das irmãs mesmo, que deu esse intercâmbio, a gente começou a ir pra igreja e ter uma atividade. Antes era morar num lugar assim.

**(FATIMA)** – Então Elizana, você começou falando da sua primeira atividade coletiva né, na a partir da Igreja, então agora eu queria que você falasse um pouco mais é, é se você participou em algum momento, ou participa ainda de algum movimento social na cidade? Que tipo de movimento? Pode ser movimento associativo, movimento religioso, movimento político, não é, qual que é? Se você participou, como é que foi um pouco essa trajetória né, e se ainda participa?

**(ELIZANA)** – Bem, antes assim de eu chegar nessa parte, eu queria lembrar que é depois da, nos anos 80, no final dos anos 70 e nos anos 80 foi construída a primeira escola pública, é, o Grupo Escolar Brasil. Muitos dos nossos pais, é, dormiram na fila pra conseguir vaga pra gente, meu pai já tinha sido demitido da CTC e tava num emprego de ônibus comum, e nós já éramos mais filhos né, já éramos seis né. E nesse grupo muitas pessoas se conheceram né. A nossa relação, aí eu acho que é a segunda grande atividade social né, a gente já tava com 12, 13 anos, acho que é quando eu até fiquei 3ª série, é, no Raquel Richuen, e na segunda, segunda pra terceira série, a gente entrou logo na 3ª série no Brasil, no Grupo Escolar Brasil e foi no final dos anos 70, em algum momento dos anos 70, foi muito rápido, agora que eu to pensando isso sabia? É interessante, foi rápido pra caramba porque quando eu fiz 15 anos eu estava há muitos anos já no Grupo, então entre os 6 e 9, 10 anos foi intenso. Interessante, eu ainda não tinha parado pra pensar nisso. É, nesse grupo, assim no Grupo Escolar Brasil, nós tivemos, começamos a fazer uma relação muito grande com outras pessoas de pontos diferentes do bairro né. Antes a gente vivia nesse pedaço da Vila Emil, aí ficou mais amplo, que o Grupo era na praça, e a praça era mais afastada da Vila Emil né, ela tá na Nova Mesquita como um todo. E isso fez com que jovens diversos pontos dessa Nova Mesquita se encontrassem né. E nós começamos, e também isso e nós encontrávamos na Igreja, fundamos um grupo, participávamos de um grupo jovem 14 anos todos nós participávamos, é, íamos dar aula de catecismo, era a nossa, essa a nossa vida. É, e nós não tínhamos ainda naquele momento muita, muito conhecimento do que, como é que se organiza né e no final, assim em 1977,78, as Igrejas começaram a organizar os grupos jovens e nós participar com um grupo jovem super ativo né de São José Operário, tinha um “puta” time, é das meninas de Handball e dos meninos também e ganhava-se assim em todos os locais. Então isso integrou esse grupo da Vila Emil com o grupo de Mesquita que já havia sido integrado um pouco na escola, também na Igreja e nessa vida mais social de grupo jovem né. Só que aí nós conseguimos nos relacionar com jovens de outros pontos de Mesquita e até de Nova Iguaçu né, mas mantivemos um núcleo mais próximo de Mesquita, de Mesquita mesmo, de Nova Mesquita. Este grupo, é no final dos anos 70, com o surgimento do PT, começa a despertar pra a participação política e com a teologia da libertação também né. Eu lembro uma vez, deve ter sido em 77, assim no auge das nossas descobertas, teve um



encontro dos jovens de todas as igrejas em Nilópolis, foi a primeira vez que eu me revelei pra mim mesma. Foi muito interessante. É, não era, nós éramos jovens, não era a Pastoral da Juventude? Depois a Pastoral da Juventude vem, mas era, tinha encontros do Padre Ariveja, tinham grupos né. E a gente começou a participar dessas coisas, e alguns participavam intensamente e tinha muito encontro. O grupo jovem reunia todo mundo né, aí teve um encontro em Nilópolis, aí a gente começou, cada um de nós tinha uma forma, a gente começou a se despertar né, isso foi muito bom, acho que a primeira vez que eu falei em público, quase morri, mas falei. É, foi horrível, é neste grupo a gente começou a despertar também para uma outra coisa, pro uma área que tinha no bairro onde hoje é o Lousadão, é o Artur Messias teve uma importância fundamental nisso. Ele foi, ele teve, ele sempre teve mais sacada que todos nós né, ele visualizou aquelas coisas e ele começou a levantar porque que a gente não tinha uma praça ali. Eu acho que nossa primeira participação política fora da Igreja e antes mesmo de estarmos com muita, começamos a fazer reuniões do PT, mas nossa primeira ação foi despertar interesse por aquela área né, muito pra gente foi interessante, a gente começou a despertar e começamos a discutir porque que não tinha uma escola ali já que aquele espaço era reservado para a escola. E tinha um resto de alguma coisa que poderia ter sido que foi uma escola ali, uma tentativa de uma escola, mas já existiam histórias de que havia sido permutado a nossa área com os, os Lousadas por uma outra área fora de Nova Iguaçu né, fora de Mesquita e nós queríamos a área. E começamos a nos organizar, é, fomos participar da Associação de Moradores e o primeiro momento foi ganhar a direção da Associação de Moradores, tem algumas pessoas que devem lembrar, nós andávamos com o bumbo batendo pela rua, o tio do Jorge Bernard era muito doidão, ele andava com o bumbo na frente e a gente atrás distribuindo papel, é, e chamando as pessoas para se reunirem para a Associação de Moradores. Então isso foi meio junto com fazer PT também né, e nós chegamos, nessa época, engraçado, já era assim 1979, 80, é 79 pra 80, é nós tínhamos avançado muito na questão do grupo jovem também, a teologia da libertação fervia e nós fervíamos junto com ela. E aí a gente passou a não ter, não ter muito espaço, mas dentro das nossas próprias comunidades, porque nós não éramos mais uns jovens que ajudava a organizar a festa de São João Operário ou que jogavam Handball né, nós queríamos mais né. E aí nessa luta algumas pessoas saíram, principalmente os mais antigos, e nós estávamos contra isso, que deram um grupo jovem pra gente, meios revoltados, mas deram. E nós pegamos, né, e conduzimos o grupo muito próximo do que a gente achava que era fundamental para a teologia da libertação, que era importante que libertava de verdade, que a nossa visão do PT somado a isso, é, continuávamos a fazer o movimento no bairro e ganhamos a direção da Associação. E aí chegamos mesmo a ocupar o espaço Louzadão, ficamos dias dormindo lá, queríamos espaço, é, e queríamos uma escola. Durante o impasse entre nós, a prefeitura sempre foi muito ausente nisso, nós acabamos negociando direto com o Louzada e ele só era o dono da área, ele não era o Estado, é interessante isso, ainda não tinha.

**(FATIMA)** – Isso eu não sabia não.

**(ELIZANA)** – É, ele não era, ele não era nada Fatima, eu acho que ele não era nem vereador, ele não era “porra” nenhuma, ele era alguém que permutou uma pseudo-área. Só que tivemos uma intensa negociação e o Néelson nos apresentou uma proposta, nosso movimento realmente estava difícil de segurar, porque nem nossos pais agüentavam o pessoal dormindo direto, eu já trabalhava porque eu comecei a trabalhar em 79, então eu saía do trabalho, ia pra lá. É, as pessoas da comunidade, as senhoras, diversas pessoas se envolveram, Nored, Dona Lourdes, elas participaram né, ocuparam o padre, ocuparam a Igreja né, ocuparam a área junto com a gente, é, a solução para o impasse foi uma negociação que nós topamos, também sabíamos que tinha algum limite à nossa resistência na área. Foi apresentado um projeto no qual o Néelson se comprometia em construir o estágio, o estádio de futebol e as praças que nós queríamos, o posto de saúde, a gente só não ia ter escola, mas mesmo assim era, era uma área grande, então nas laterais ele apresentou um projeto que ele nunca cumpriu né. Então essa foi na realidade a nossa primeira participação efetiva de resultados, além dos nossos próprios ensaios, de reunião, das nossas festinhas, nós éramos um grupo intenso né, nós fazíamos tudo juntos. Era, foi..



**(FATIMA)** – E do PT?

**(ELIZANA)** – E do PT nós fazíamos juntos, nós fomos pro PT né em, nesse mesmo período da iniciação do PT, o Artur foi o primeiro, ele e o Washington, eles iam à reunião em Nova Iguaçu e nós ficávamos em Mesquita, é, e as reuniões eram na casa do Jorge Bernardes, mas eram orientadas pelo Jorge, pelo Ricardo e pelo Beto Salois, né é, e nós éramos um pedaço da Igreja, mas que não tínhamos muita ligação orgânica com o PT da Igreja, nossa ligação a essas pessoas que eram nossa, que eram nossas referências e já era um grupo diferente do resto de Mesquita, cada um, cada pedaço tinha um grupo e nós tínhamos o nosso né, é, participávamos das atividades da filiação, de organização do partido em Mesquita né, nós levamos um tempo pra sair, para ter uma visão mais de Nova Iguaçu. E eu lembro que uma vez a gente teve uma conversa, na época primeiro sobre a questão eleitoral, e alguns amigos, o Quila, por exemplo, ele, ele tentava despertar um pouco, despertar os nossos olhos, ele era mais velho que nós, hoje eu acho que nem tanto, mas na época ele devia ser um pouco mais, mais maduro. É, e ele já tinha mais ligações, ele tinha, começou a despertar na gente um medo da esquerda petista, era muita doida isso, no PT era isso, aí nós tínhamos uma coisa da confiança em quem a gente convivia, com quem nós convivíamos e era essa nossa relação né. Muita vontade de fazer alguma coisa e com uma referencia muito localizada né, é em 82 por aí, a gente fazia, fazia eleição, mas eu inclusive só me filiei ao PT em 86 né, já militava no movimento sindical e não era filiada.

**(FATIMA)** – Fala um pouquinho depois do movimento sindical que você participou também.

**(ELIZANA)** - Era, mas não era, engraçado isso, a gente levou um tempo ainda nessa importância, porque era muito cômodo, acho que a nossa vida hoje tem a ver com isso. É, nós não íamos muito às coisas de Nova Iguaçu.

**(FATIMA)** – E quando é que vocês pensaram numa idéia de desse grupo alçar vôos mais pra fora e ter uma representação? Como é que foi isso?

**(ELIZANA)** – É, em 85, eu comecei a militar no movimento sindical, trabalhava no Correio e comecei a militar no movimento sindical de 84 pra 85. Então passamos a ter mais uma pessoa que saía de Mesquita né. É, e não tínhamos mais tanta dependência da representação do Jorge Bernardes, do Ricardo. Passamos a ter mais ou menos. Com a, com a relação da Igreja, dos grupos, o Artur indo para um monte de atividades da Igreja, eu comecei a ir para o braço sindical, nós começamos a fazer coisas, nós fomos só ampliando as coisas que nós fazíamos em Mesquita, ao ponto inclusive de posteriormente construir uma biblioteca. É, nós começamos a pensar que a gente podia se organizar melhor, em 85 a 86 a gente passa a militar mais no PT de Nova Iguaçu, e aí eu passo a militar mais, nessa época Artur já ta indo mais e já começamos a envolver mais pessoas. Eu acho que foi meio de repente, acho que todos nós, alguns de nós começou e aí levou aos outros, então aquele comodismo do início dos anos 80, é, em 79 começa a furar. A gente já começa a ter entre nós pessoas que vão começando a ir para a faculdade, fazer pé-vestibular, começamos a ter uma ligação maior com o externo à Mesquita e passamos a ir. Eu lembro que a primeira convenção que eu participei de verdade, e de verdade mesmo, foi de verdade, foi a organização da convenção de 86, é, e já organizando uma chapa, porque eu fui trabalhar no, fui demitida no Correio, já me demitiram pelo Movimento Sindical, fui absolvida pelo mandado do Ernani Coelho que foi o deputado estadual do PT primeiro da baixada, é, e já começamos a aspirar vôos. Então o Ernani tem essa importância em relação a mim né, por causa da minha ligação com o movimento sindical. O Artur já tinha outras ligações, um pouco mais pela veia da Igreja né, ele, o Luis Menezes né, eles já tinham mais essa ligação. Então nessa época, quando a gente começa a participar mais, um número maior junto à Nova Iguaçu, somado à representação que Artur começa a ter muito grande pela Igreja, é, em 87 a gente já começa a ter a perspectiva de ter uma candidatura. A gente já começa e com muito apoio principalmente dos padres né, é, essa militância, ligada à teologia da libertação tem, tem assim como, eu acho, um representativo fundamental o padre Valdir, que quando vem pra Mesquita ainda lá no final dos anos 70 e no anos 80, ele dá um impulso na



nossa organização. Dá um impulso mesmo e faz a nossa ligação maior com a Igreja do outro lado que não foi nos grupos jovens. No grupo jovem nós nos ligamos à Banco de Areia que era um grupo mais antigo que nós, muito mais experiente, que inclusive desperta muito antes da gente pra política, são os quadros do PT de Mesquita, com certeza vieram de lá né daquele pedaço que tinha uma realidade diferente da nossa né. E o padre Valdir, ele nos dá uma outra possibilidade que é Mesquita do outro lado, com quem, como eles eram mais novos que nós, eu acho que rapidamente nós nos tornamos como um nível de referência pra eles. Com eles nós conseguimos rapidamente ter uma ligação mais de continuidade, então a ligação da gente parte principalmente da Igreja, e o projeto da candidatura do Artur vem da nossa vontade militância ligada à Igreja e da Igreja, dos padres, de alguns padres né. Se você pegar o primeiro(...) do Artur que nós fizemos, eu tenho fotografias, parece um encontro de padres, tem padre pra caramba, né. Então foi uma coisa muito ligada, foi de fato intenso este período, inclusive pros petistas na Igreja.

**(FATIMA)** – Então, Elizana, pois é, paralelamente a isso, você falou muito do ano de 86, 87 não é, que começa a ter um desejo maior de representação né, inclusive desse grupo, então agora eu queria perguntar pra você, é, como é que você tomou conhecimento pela primeira vez da, do movimento de emancipação de Mesquita? O que que você se lembra de mais antigo na sua memória? Então eu queria que você falasse como é que tomou conhecimento, é, sobre o que você viveu – se você viveu – é em algum momento esse processo né, como é que você via isso, como você vê hoje também e que como é que foram as formas da sua participação?

**(ELIZANA)** – Eu acho que a minha primeira lembrança com relação à emancipação ela vem justamente nesse período de 85, de 84, é por aí, sempre vindo de Mesquita do outro lado. Pra mim, a primeira do Seu Regner, as pessoas do outro lado que pra gente é uma ligação mais próxima da Igreja e também estavam próximos da Igreja, mas sempre do lado de lá da Chatuba, é um movimento claramente que veio da Chatuba, não é um movimento da Vila Emil, nós tomamos conhecimento do movimento. Não tenho dúvida nenhuma disso, continuo, isso é, nós tomamos conhecimento e durante um período eu acho que ficamos, eu não lembro, qual foi o segundo plebiscito?

**(FATIMA)** – O primeiro foi em 87, o segundo em 93 e o último em 95.

**(ELIZANA)** – Então nós tomamos justamente em 86 pra 87, que eu lembro que foi, não eu ainda tava no Correio. Então deve ser no primeiro período do Correio, deve ter sido por aí, 85 pra 86, que a gente já tomou conhecimento sabendo que era um movimento de um pessoal antigo do outro lado. Isso já era alguma coisa que a gente tinha cuidado. E outra coisa que era assim coisa de velho, naquele momento eu acho que era uma coisa meio de velho “mermo” né, a gente só via aqueles (...) (risos) e já achava que tinha “sacanagem”. A gente não conseguia visualizar aquilo como algo que fosse, que não fosse uma coisa, uma questão de interesses né. Eu acho que essa foi a minha primeira visão né. É, então como foi? Justamente em 86 pra 87 a gente também já tava refletindo muito sobre um monte de coisas de poder né, e começamos a observar as dificuldades que tinham os municípios né de sobreviverem, a gente reconhecia a situação de Mesquita, mas já na época a gente começava a discutir a questão de sustentação e muitos de nós, eu inclusive, é trabalhávamos com prioridade, é, a questão da sustentação econômica né, e isso pra gente era Mesquita não tem nada, é impossível, não tem espaço, não tem atividade econômica, vai viver de repasse, isso não é correto né, então tínhamos essa discussão. Além com certeza, com certeza, eu acho que a gente também tinha uma visão muito clara de oligarquia né. Então paralelo à isso, é, das oligarquias tinha uma visão também de sustentação econômica. E na nossa avaliação Nova Iguaçu por ser um município, como um todo era muito mais amplo, tinha condições de se desenvolver como um todo e ao se desenvolver com um todo, como uma política global, correta, Mesquita estaria incluída. Não teria que descobrir como fazer dinheiro num lugar que não tem espaço, então tinha uma visão claramente de viabilidade econômica. Além dela as questões de oligarquia do local, porque eram todos políticos antigos, todos eram, nós éramos o novo né, essa foi a minha primeira visão, primeiro momento né. Só que nós perdemos no PT, porque os

deitada  
de  
80

movimento  
pela  
emancipação  
pelas  
coisas de  
velho

motivos  
que a  
esquerda  
alegava  
eram os  
mesmos  
do PT  
em  
80

revisão do poder  
da oligarquia



jovens do outro lado lá do padre Valdir já estavam mais próximos há algum tempo dos “coroas” do outro lado e eles começavam a achar a idéia interessante né.

**(FATIMA)** – “Nós perdemos” quem? Quem era esse “nós”?

**(ELIZANA)** – Era o pessoal de PT de Nova Mesquita. Esse era o pessoal. O Ze, o Cássio, Artur, Luis Menezes, era o grupo da, do Nova Mesquita, do (...) da Vila Emil. Esse era o grupo, nós éramos o grupo. É, nós já tínhamos, e nessa forma o PT parece já começa a ter três espaços diferentes, éramos nós na Vila Emil, Nova Mesquita, o pessoal do outro lado e o Banco de Areia né. É, já eram três PTs diferentes, três grupos diferentes, três realidades diferentes.

**(FATIMA)** – É, isso aí é importante. É, eu queria que você tentasse lembrar nesse, nessa discussão aí de emancipação, quem é, você tá aí tá falando dentro do PT, a posição dentro do PT né, quem é que você identifica dentro desse grupos, não é, você até já começou a falar sobre isso, quem é que se posicionava mais contra?

**(ELIZANA)** – Eu acho que éramos nós.

**(FATIMA)** – E o Banco de Areia.

**(ELIZANA)** – E o Banco de Areia. Nós... tinha a Vera Sepúlveda, já era o pessoal de Banco de Areia também. Nós e eles, e eles ainda eram mais maduros que nós, sabe, eles eram mais maduros que nós, e eles também pensavam da mesma forma, tinha a Fátima, você, ora essa! Tínhamos, nós éramos um grupo, engraçado e nós tínhamos mais certeza que estávamos certo ainda por isso, que nós éramos mais experientes do que o pessoal de Nova Mesquita, de Mesquita do outro lado. E eles eram uns pentelhos, sabia, porque era um porre aquela molecada babando atrás daqueles velhos da emancipação. Era um saco, mas era isso. O pessoal do outro lado, nós que éramos contrários. Nós tínhamos mesmo essa visão de desenvolvimento, visão de oligarquia, eu acho que era essa visão, que eu acho que passava por todos nós né, mesmo tendo reflexões sobre a questão do poder local que eu acho que a gente vai falar mais à frente.

**(FATIMA)** – Você disse que, é, vocês perderam dentro do PT, você tem, você sabe localizar em que época foi isso, foi já pro plebiscito de 87 ou foi pros, foram pros próximos?

**(ELIZANA)** – Isso eu posso lembrar, é, a Tamires, minha sobrinha. tem 17 anos, ela tava nascendo naquela época, isso é... oitenta e, deixa eu contar nos dedos.

**(FATIMA)** – Quatro, oitenta e sete, ela nasceu em oitenta e sete.

**(ELIZANA)** – É, então é isso, foi logo depois, nosso embate foi logo no início, nosso embate foi logo no início. É nós discutimos em , porque depois eu acho que a gente é meio corpo mole, como nós éramos mais velhas, e eram bem contra e já tínhamos perdido, a gente meio que deixou o negócio de lado. Mas nossos, nossos embates foram logo no início. E principalmente, agora o interessante porque nessa militância mais de discussão, nós nos reuníamos em Mesquita do outro lado, lá no padre Valdir, e isso acho que deu uma, uma fortalecida no setor pró-emancipação, porque os jovens da Igreja eram uma coisa intensa, o padre Valdir encheu aquela Igreja, tudo quanto era jovem ia pra lá, eles é, começaram a ir muito, eles também passaram a participar com intensidade e nós, e eu não sei bem o pessoal de Banco de Areia também, nós ficávamos muito, nós éramos mais, é, os grupos nós levávamos, mas não levávamos um monte de gente. Ainda não tinha essa coisa né, mas eles já estavam lá, a Igreja era deles, e eles começaram a ter de fato muito fôlego pra defender a emancipação.



(FATIMA) – Agora, é, teve no final, o PT pelo o que eu já ouvi....

(ELIZANA) – Bem, é em 87, de fato foi quando nós começamos a ter muito embate, muitos embates internos né, e fazíamos reuniões lá na Igreja Padre Valdir pra decidir, é, nós fizemos reuniões com votação interna nossa, na época enquanto militantes da Zonal, que aí nós nos identificávamos como uma Zonal do PT né, já começávamos a ter essa visão, de uma Zonal do PT, e nessa nesse embate de pode, não pode, é bom ou não é, é viável ou não é, nós não conseguíamos ter muitos, muitos dados, mas o pessoal do outro lado, o pessoal lá de Mesquita, lá da Igreja do Padre Valdir, os militantes do PT, como eles moravam do outro lado, e a velharia tava toda do outro lado, alguns estava aqui, seu Expedito, seu Regners, mas todos tinham muita ligação com o outro lado, nós não nos identificávamos com eles, mas o pessoal da Igreja jovem se identificavam, eu lembro que a gente fez reunião, acho até que foi depois dessa época, nós nesse período, nesse período no PT, o PT tomou uma posição, nós tomamos uma posição, perdemos internamente como numa votação nossa de militantes é e fomos pra rua defender a emancipação, fizemos um ato público em 87 na praça de Mesquita, defendendo o dia na praça, defendendo a emancipação, e engraçado que isso sempre foi o que me irritou, é que nós que éramos contra é que ainda tínhamos que fazer o discurso positivo pela emancipação, isso é uma “putaria”. Ficava “puta” com aqueles moleques, sabia? Era, não éramos nós que fazíamos, nós que encaminhávamos o ato, o Hamilton tava chegando e assim era ele, ele até podia dirigir um pouco a atividade, mas quem fazia o discurso pró éramos nós. E pra mim isso era um absurdo, porque eu era contra, ta entendendo, eu fiz, é interessante. Eu lembro de ter feito, mas aí, buscando na, no que a gente mais acreditava enquanto poder e ainda não era nada muito formulado né, a gente já não, não éramos do PT tão maduro como já existia, entendeu e ficou depois, mas a gente já conseguia ter concepção de poder local, e eu lembro que todos nós passamos a defender a linha da emancipação como algo, como democratização do poder, que era o poder mais próximo, o poder participado, o poder que na época nós ainda não tínhamos orçamento participativo, nada disso, mas já tínhamos essa coisa que já vinha nascendo junto com o PT que era a necessidade de participação da sociedade, então nós passamos a defender a emancipação nesta ótica, e não resta dúvida que nós nos limitamos também a defender a emancipação nos espaços que nós construímos pra, pra falar sobre a emancipação, as atividades nossas, as atividades de rua ou de praça, o que fosse, mas que nós fizéssemos. Aí, alguns grupos que se reuniam, eu lembro que eu fui numa reunião em um grupo na Chatuba de jovens, tava o Francisco, a Ronilda, e tinha um monte de “coroa” da emancipação, a gente foi pra lá pra discutir a emancipação nessa direção, então nós ficamos muito nessa coisa, nos grandes, no Comitê da Emancipação a gente não participava, o Artur ia às vezes, ele começa a se tornar uma referência, porque ele passou a ir, ele era um pouco que representava, como já nos representava, essa coisa juntou muito e ele passou meio que representar o PT de Mesquita nos espaços da organização, que se organizava, onde se organizava a emancipação. Mas nós não tínhamos voz nesse espaço.

(FATIMA) – Agora, por que que então, por que que vocês não participavam do Comitê Pró-Emancipação? Você se lembra disso, vocês definiram isso?

(ELIZANA) – Eu acho que a gente simplesmente não participou, não lembro, eu acho, não sei se a gente definiu ou não, eu acho que a gente quis sim, eu acho que a gente definiu, nós íamos defender a emancipação na nossa linha, já que nós já havíamos perdido dentro, esse discurso de que a emancipação do PT era diferente, o PT era diferente, a gente quis manter né, então essa, nós éramos um discurso né, nós já tínhamos um discurso muito claro e isso a gente conseguiu, é, é, é, que o pessoal de Mesquita do outro lado também topasse, eles também tinham uma visão pró-emancipação e esse nosso discurso era legal, era correto né, então nós abandonamos, já que nós não, tentamos, teve um período que nós tentamos pra caramba buscar dados pra provar se era ou se não era é viável economicamente né, então não era só um sentimento né, nós não víamos porque nos separarmos de Nova Iguaçu, é verdade que, é, nós tínhamos esse, nós éramos diferentes mesmo do outro lado né, nós não tínhamos essa raiz histórica talvez né, já que você vê, a Vila Emil começa, Nova Mesquita começa a lotear na metade dos anos 60, se eu vim pra Mesquita em 66 e meus pais estavam comprando um



terreno, já é pelo menos 16 anos diferença dos anos 50 que loteou Mesquita do outro lado né. Então nós temos uma, de fato, um, um hiato mesmo né de distância.

**(FATIMA)** – E você se lembra votando nesse primeiro plebiscito que teve, que você participou de 87?

**(ELIZANA)** – Nós fomos centralizados pelo partido, agora nós tiramos que não ia votar pra poder não dar o quorum. E isso nós fizemos acho que mais ou menos organizadamente, porque nenhum de nós foi votar, ou se foram, foi um ou outro que no caminho, no primeiro com certeza eu acho que nós cumprimos à risca, nos outros não, nos outros a gente já começou a desistir, não é melhor votar, o Artur já começou a ter posições mais diferentes também, outros componentes eu acho que começaram a entrar na discussão né, nós inclusive já tínhamos até disputado a eleição, já tínhamos claras dificuldades do que é ta em Mesquita e junto com Nova Iguaçu nas questões de poder também, acho que isso fez mudar um pouco a nossa militância mais municipal, mais claramente né, talvez isso tenha mudado um pouco em alguns de nós.

*mudança  
de  
posições  
do  
PT*

**(FATIMA)** – Explica um pouco isso daí que você falou, isso que mudou.

**(ELIZANA)** – É nós, na realidade 86, 87 é quando nós começamos a ter também essa ligação maior com Mesquita e também com Nova Iguaçu né, é, enquanto grupo, não enquanto pessoas, tipo o Artur começou muito antes que a gente, e eu acho talvez ele tenha despertado primeiro que esse negócio podia não ser tão ruim assim, podia ser uma forma de organizar a cidade, nós ficamos muito, nós só fomos ter essa ligação mais geral com a história, com a cidade, com o município como um todo a partir de 86 né. É eu trabalhava no Rio e eu militava inclusive no movimento sindical no Rio né, então essas coisas alguns de nós teve um pouco essa visão, e engraçado que do nosso grupo todo, todos foram o que saíram de Mesquita, no máximo chegaram até Nova Iguaçu né, é ou profissionalmente, ou politicamente, ou da educação estudando, estudar até que foi mais, porque uma boa parte de nós acabou indo estudar em faculdades públicas então no Rio, mas é a grande maioria no máximo vivia assim muito mais ligado à Mesquita. E aí, quando nós começamos a militar mais em Nova Iguaçu, a gente passou a ter uma visão mais global que por um lado fortaleceu a questão da reflexão sobre a questão econômica, da importância da necessidade econômica pra uns no meu caso, pra mim, é como pra outros a gente já começou a disputar eleição, começou a ver cinco vereadores de Mesquita se elegendo, que era um município que elegia, que era um distrito que elegi muito né, e mesmo tendo, é, Mário Marques e outros que vinham comer voto em Mesquita, mas Mesquita tinha uma característica de eleger, era interessante, tinha mesmo, e aí em 87, em 88 a gente disputa eleição né, é, já com Artur, já com candidatos do PT, inclusive com outros candidatos, já não era a primeira, mas esse grupo, não é isso, no início tinha candidaturas do PT, mas nós nos organizamos enquanto grupo pra disputar uma eleição de, em 87 pra 88 na candidatura de vereador, é, eu acho que talvez a gente esteja muito centrado na gente né, é a minha fala esteja muito centrada, mas esta, esse é o PT que com quem eu sempre convivi né, nós de uma forma ou de outra nós podemos nos considerar como uma 2ª geração do PT de Mesquita e uma 2ª geração que como era mais nova e já tava aqui, criou muitas relações né, é uma relação de proximidade, a Igreja aproximou muito, então nós já éramos uma referência, passamos a ser, tanto que lançamos a candidatura do Artur em 87 né e ficou como primeiro suplente que acabou depois se elegendo, quando a Rose que havia sido eleita se elegeu deputada, então nós tínhamos uma representação, nós passamos a ser algo fundamental. Importante também.

**(FATIMA)** – E em 93? Você se lembra do Plebiscito de 93?

**(ELIZANA)** – Em 93 o Artur já era vereador né, é, em 90 quando a Rose se elegeu deputada, o Artur que havia sido, é, primeiro suplente em 88, é, foi ser vereador. Nós já éramos vereadores, já tava no final né do primeiro mandato já tinha acabado. É em 93 acabou se elegendo de novo, a gente tava passando pra segunda eleição, é, nessa época ficou muito claro assim, acho que nós não tamos mais, não temos mais uma participação coletiva tão intensa, não tínhamos mais, nós tínhamos o PT,



militávamos no PT, alguns como eu que tinha uma visão que tava no município como um todo, tinha uma crítica aos processos de de plebiscito, de emancipação de Belford Roxo, de Queimados, todo mundo sabia que rolava de tudo, que já tinham se emancipado, que todo mundo conta que tinham vereadores de Mesquita, o (...) por exemplo que contava, e não é provável que ele falava, e as palavras somem, que ele levou ônibus cheio para outros municípios pra ajudar a emancipar, o pessoal votava em município, então eu e alguns de nós tínhamos uma visão crítica sobre esse processo, tínhamos uma visão crítica, mas a política andava né, continuava andando independente da nossa visão crítica e aí a gente já conseguia participar dos espaços de discussão, é, mais oficialmente, o Artur já era vereador, o PT já tinha um vereador na cidade, eu não consigo lembrar como nós, dessa vez eu lembro que alguns fez a mesma coisa, fizeram a mesma coisa, mas aí o PT já era pró-emancipação, embora muito questionado porque éramos muito limitados na nossa manifestação emancipacionista. Não lembro como a gente decidiu dessa vez ou se nós..

**(FATIMA)** – De 93?

**(ELIZANA)** - De 93, eu acho que a gente absorveu a primeira decisão, eu não lembro se a gente chegou a fazer alguma coisa, não consigo lembrar mesmo, já tinha.

**(FATIMA)** – E o de 95?

**(ELIZANA)** – De 95 a gente já tinha passado por algumas coisas na cidade né, por algumas coisas, a gente já tinha, já estávamos algum tempo já exercendo poder né, a minha avaliação é que nós estávamos enquanto militantes mais distantes, pelo menos eu não consigo lembrar da gente, eu tava na cidade, não consigo lembrar da gente muito, pra mim o movimento mais, que nós mais nos envolvemos foi o primeiro, sabia, eu acho que foi o primeiro, foi o primeiro. Eu lembro da gente ir à reuniões, dos grupos jovens, que aí as reuniões já começavam dos núcleos, já eram 93 e 95 já tinham núcleos sendo formados, tinham mais núcleos, tinham núcleos em funcionamento do PT, nós já tínhamos passado por eleição, o PT de Mesquita já começava a ter assim cara mais, o pessoal do outro lado já tinha aspirações de, tanto é que o Hamilton já havia sido candidato, né, ele foi candidato depois na na segunda eleição de vereador que é já é de 92, 93 e o grupo do outro lado já começava a ter núcleos também. Eu lembro que a gente ia pra reunião nesses núcleos, núcleos da de um canto, núcleos de outro, a gente ia pra reunião nos núcleos e a discussão nesse período ela percorreu mais, não era uma coisa mais centralizada enquanto espaço, porque a gente já tinha a Zonal, nós já tínhamos uma direção o que também eu acho que com a direção meio que substituiu aquela movimento anterior que existiu em 87 que a gente nós ainda não éramos uma Instituição, Direção Zonal do PT, nós ainda não éramos isso, nós só éramos militantes. E aí a gente começou a cumprir o papel de direção e a reunião dos núcleos que se formavam, então essa é a visão que eu tenho, eu não lembro com que momento a gente foi pro embate, eu acho que não realidade nós nunca chegamos a ir muito para o embate, né, na emancipação. Talvez seja por isso que a pessoa “xinga” a gente.

**(FATIMA)** – É, em 95 o plebiscito pelo que a gente tem de documentos foi o plebiscito que teve um comparecimento maior às urnas de todos esses três da década de 80 e de 90, Você tem alguma avaliação por que que isso aconteceu? Mesmo assim, é, não deu quorum e durou quatro anos entre 95 à 99 para poder, né, sair, esse é, Mesquita tornar-se cidade. Você tem alguma avaliação sobre esse processo?

**(ELIZANA)** – Nós já estávamos vivendo o efeito das emancipações nos outros municípios, já tinha a Prefeitura de Queimados, de Belford Roxo, é, o pessoal já tava cansado. Eu acho talvez aí a Nova Mesquita já começasse a estar cansada também da Prefeitura de Nova Iguaçu. Eu lembro que a minha mãe foi ao plebiscito, né, e antes ela não dava atenção, ela não gostava, ela embarcava no discurso da gente, mas eu acho que ter, é, Prefeituras, é, ver as coisas acontecendo em volta começou a dar um, ampliou o sentimento em Mesquita. Talvez isso tenha sido o diferencial, ver os outros livres e aí essa



coisa tem que melhorar, pior não pode ficar, porque nós tivemos uns períodos, é, nos governos, o governo Aluizio, Aluizio Gama em Nova Iguaçu, ele tinha um comportamento, uma conduta, é, que ele se relacionou inclusive com Mesquita. Mesmo que tenha sido pra absorver a militância, quer dizer, eu lembro que a gente falava assim: “pô, esse cara vai ‘fuder’ com o movimento popular, ele tá absorvendo as associações, tá absorvendo”. Ele tinha uma relação desse tipo, ele fazia coisas e ainda nós mantíamos, nós nos mantíamos mais ligados, mas aí o Altamir Gomes se elegeu, acho que foi nessa época, não foi? Acho que foi isso mesmo. E aí o desmando ficou “puto”, eu acho que Nova Iguaçu queria se emancipar de Nova Iguaçu, porque ele só faltou por pouco levar a porta da Prefeitura, aí foi muito ruim, meses professores, todo mundo sem receber, aí eu acho que de fato os quatro anos foi da consolidação do abandono. Talvez isso, talvez isso tenha motivado e tenha rompido a a diferença, a linha entre histórico e não históricos, entre velhos e novos, passou a ser assim uma necessidade.

**(FATIMA)** – É, nesse processo de quatro anos, entre o último plebiscito e 99 que foi a emancipação, é, foi todo um processo judicial, né, que aconteceu até Mesquita se tornar município. Você lembra de alguma participação do PT nesse processo, como é que foi esse processo?

**(ELIZANA)** – É, eu acho que nós tivemos uma participação ínfima, enquanto órgão, enquanto instância, enquanto direção nós não participamos. Nós buscávamos informações junto à ALERJ, com os nossos deputados, ver como andava, se aparecia, é, e tinha alguma novidade, era um pouco isso né. Posso estar inclusive sendo irresponsável nesta coisa de não ter lembrando, mas como eu lembro tanto do início, então eu acho que nossa participação foi ínfima. De fato foi uma coisa muito isolada porque nós também tínhamos algumas divergências e críticas à como tinha (...) plebiscito, nós sabemos que os municípios eram inchados de eleitores mortos, teve uma hora que eu disse: “tá vendo, os mortos não serviram pra eles a vida inteira? Agora vai “ferrar” com eles”. O que pra mim parece ser uma colocação de que a gente via a emancipação ainda como um movimento deles e isso, esse patrimônio a gente não pode tirar deles. Não pode não.

**(FATIMA)** – É, tá Elizana, então quando Mesquita quando veio a, a o ato que levou, que tornou Mesquita cidade, emancipou, qual foi a sua reação né? Porque na verdade você participava do PT, você foi uma das pessoas, como você relatou, que você ficou contra dentro do, dentro do PT, mas você, né, você fez, né, pelo menos externamente, você participou até da campanha mais ativamente no início né. E como é que quando Mesquita foi emancipada, como é que foi essa a sua reação, e eu queria dizer, perguntar pra você, né, hoje passado cinco anos, né, da emancipação de Mesquita, né, como é que você vê esse processo, né, e qual é a sua opinião, né, se mudou alguma coisa, se você continua mantendo essas suas, essa esse seus argumentos, né, que você colocou aqui para nós, né, como é que você tá vendo isso, como é que você viu Mesquita emancipada e como é que você vê hoje?

**(ELIZANA)** – Bem, quando Mesquita emancipou pra gente foi uma “merda”, “puta que pariu” nós tínhamos um projeto do PT construído pra ganhar Nova Iguaçu, e a gente vai ficar com esse ovinho, com essa “merda”? Aí foi tudo por água a baixo, e o que é pior, a emancipação não era nossa, nós íamos nos “ferrar”. Isso foi uma “merda”. Foi “mermo”. E rapidamente tinha que se decidir, o Artur ficava Nova Iguaçu ou ficava em Mesquita e nós éramos todos de Mesquita e acabamos tendo que formar rapidamente instâncias e ficar em Mesquita. Então no primeiro momento “ferrou” com tudo pra gente do PT, né, das que estavam no projeto construído a partir do PT de Nova Iguaçu para a cidade de Nova Iguaçu como um todo e Mesquita tava nela. Isso foi um problema e a gente tinha claro que Mesquita tinha um potencial de votos do PT que serviu a gente fazer vereadores também. Pra gente isso foi ruim no primeiro momento, a decisão, o momento de escolha, de separação, né, eu acho que foi aí que nós vivemos de fato o que era emancipar, separar de Nova Iguaçu. O que os o pessoal dos anos 50 já queriam há um tempão e nós meio que fomos sendo conduzidos alguns de nós, é, o corte de Nova Iguaçu foi forte porque justamente esse grupo continuou sendo o grupo que mantinha as relações



e que tava em direção à Nova Iguaçu. Ainda não era em grande maioria o pessoal de Mesquita do outro lado, era o pessoal de Banco de Areia e a gente, então pra gente corte, um sentimento de corte, mas estamos (...) uma nova cidade, geramos um partido e íamos disputar a eleição. E o fizemos, né, com o Arthur, eu acho que nesse sentido, é, a emancipação nesse momento não era bom nem pra Nova Iguaçu nem pra Mesquita, mas pro PT especificamente, mas foi, é, esse primeiro sentimento foi esse. É, com relação ao ao que eu vejo como foi a emancipação e o que que é hoje, eu acho que a emancipação foi importante. Não mudo a minha concepção de como deve ser o poder, eu acho que ele não tá partilhado e participativo da forma que foi, que é a minha concepção, que foi e que é a minha concepção sobre o poder, mas eu acho que isso é uma outra história. É, pra cidade foi importante, não tenho dúvida, criou um sentimento nas pessoas de identidade local, é, que eu acho que é legal, né, por mais que tenha criado um corpo funcional que eu tenho críticas, que tenha criado uma estrutura burocrática e administrativa que na minha visão é desnecessária, é, que tenha criado, é, uma política de saúde e de educação que não mudou nada, que não criou nada, só vive do repasse, não conseguimos nos viabilizar economicamente, a gente sabia que não tinha espaço pra isso, tem que tirar não sei da onde pra fazer o que aqui, né, além de fazer uma cooperativa de botequins e barzinhos, a gente dança na praça até hoje, a padaria é nossa referência de cultura, qualquer coisa aqui a referência é : o barzinho, umas cadeiras. A gente não consegue viabilizar o lazer, então a minha visão é crítica sobre o que a gente conseguiu realizar enquanto cidade de verdade, mas quando os moradores do meu bairro, do Cosmorama vão ao posto e quem tá lá é alguém vizinho, próximo e com quem ele pode discutir de alguma forma, mesmo que não resolva, e que alguém, o local que ele acha que ele também pode ocupar, não só como emprego mas também para realizar alguma coisa, criou identidade. Isso eu acho importante, é, esse sentimento, né, eu costumo achar essas eleições então que vai ter um engarrafamento de tanto carro de som num município tão pequenininho, né, mas eu acho que essa coisa da identidade é boa, e que se nós tivermos um governo que, que consiga, que queira de fato ser democrático, é mole ser democrático em Mesquita, porque é pertinho, é tudo tão pequeno, sabe? Podia andar na rua, falar com as pessoas, aí eu acho que a gente poderia contribuir de fato pra isso aqui, independente da situação econômica, ser uma cidade de verdade, porque as pessoas se comportam, hoje elas têm sentimento de cidade. Então isso é importante, a gente criou uma identidade, o resto é "se" e aí depende de quem vai governar, né, nosso primeiro governo não mostrou isso, a gente espera que o próximo mostre.

**(FATIMA)** – Elizana, você acho que já colocou alguns elementos do que você, da sua concepção de poder local, né, mas como você falou bastante em vários momentos de seu relato você falou nisso, eu queria que você agora explicasse um pouco o que que significa pra você essa questão de, do poder local, do fazer de verdade uma cidade.

**(ELIZANA)** – Bem, é, toda a nossa concepção de poder passa por algo democrático, né, algo no qual a sociedade define, interfira, tenha vez e voz, que não seja só o que a gente elencou como Executivo, Legislativo e o povão em baixo, né. É, poder local é você saber que o médico é local, não quem é que seja do lugar, mas que ele tá presente, que a saúde tá sendo discutida e vista no dia-a-dia, não só pelos técnicos, mas também pelas pessoas que têm necessidade dela. A educação, o que que é melhor, aonde está a minha estória, a educação tem que identificar raízes, e a gente só faz isso, é, com pessoas que estão no dia-a-dia nessa vida, nesse local, que construíram, que tem memória, que olham para aquele morro e vêem que aquela "porra" tá cada vez mais cheia de casinhas, não é a pessoa que chegou aqui hoje e não sabe que nunca nem teve casinha ali, então pra mim essa concepção de raiz tem que tá ligado também na nossa concepção de poder, né, e algo que de fato seja participativo. Eu não, eu não to me iludindo que não, que todas as formas de serviços e prestações estão todas muito amarradas, necessariamente elas têm que ser assim. Eu não acredito que tem que ser assim, eu acredito que o poder ele tem que ser participativo e partilhado e isso, pra isso o Executivo ele é fundamental. E uma nova concepção de Legislativo também o é, mas eu acho que esses, esses dois poderes eles podem num município como o nosso serem exercitados com cidadania, não é Nova Iguaçu, aquele mundão tá,



mas Mesquita a gente não precisa ter desculpa. Isso aqui pra mim, isso também é poder local, não é só dizer se vai botar o saneamento na minha rua ou na outra rua, eu levo mais gente, é ter uma visão global do que é importante pra aquela cidade como um todo a partir da sua sociedade, da sua população decidindo, né, então eu acho que se numa rua pode ter o asfalto, na outra pode ter água, na outra pode ter o saneamento, mas que isso seja feito de forma refletida, que isso faz crescer, para mim isso é educação, isso que vai criar um homem novo, é isso que vai fazer as pessoas só não quererem ser candidato porque vão dar um jeitinho de ganhar um qualquer, ou parar de fazer isso ou fazer aquilo. Poder não ter que ser algo longe das pessoas, um objeto de, de chantagem, um objeto de sedução, que você poderá alcançar, alcançar, pra mim o poder local é o exercício desse poder no dia-a-dia e com certeza, não resta dúvida, num município com 13 Km é muito mais fácil, né, mesmo que tenha dificuldade de captar recurso, mas é, isso é, esse desafio eu acho que pode ser a nossa parte do PT já que a emancipação não é um matrimônio nosso, esse pode ser, quem dera que seja.

**(FATIMA)** – Elizana, você já escutou quando as pessoas contam ou quando você lê alguma coisa da história de Mesquita, é, se referir à Mesquita com o nome de Mutambó?

**(ELIZANA)** – Eu acho que eu já ouvi Fátima, mas eu não tenho muita clareza, eu já ouvi esse nome, mas não lembro, não lembro mesmo.

**(FATIMA)** – A outra questão é o seguinte: Mesquita teve uma época que ela teve algumas indústrias, né, teve uma época que ela teve algumas fábricas, ainda tem, mas tinha uma época na década de 40, 50, você lembra dessa fase, na verdade você veio pra cá em 66, né, então já existia isso, mas você lembra de alguma fábrica importante na cidade ou de algumas fábricas importantes na cidade, na cidade não, no então distrito, né, de Nova Iguaçu? Você podia falar um pouquinho sobre isso, dessas suas lembranças?

**(ELIZANA)** – Assim, duas fábricas que foram fundamentais, né, é, a Brasferro, né, que tinha toda uma produção específica que acabou num outro momento acho que até faliu e acho que a fábrica que tem a maior raiz de Mesquita foi a PUMAR, a fábrica de sombrinhas. Todos os jovens ou a maior parte dos jovens trabalharam na PUMAR, eles eles empregavam menores, eu lembro a Djane trabalhou, mas é uma das últimas, minha prima, eu tenho primas, é, que trabalharam na PUMAR e se eles, eles devem ter uns 60 anos de idade hoje, cinquenta e alguma coisa, sessenta. Eles eram crianças, minha tia Elenir, meu falecido primo Irinho, todo mundo trabalhou na PUMAR, antes da, da nossa, tipo eu não precisei, né, mas eu lembro de jovens da minha época que também trabalharam na PUMAR. A PUMAR foi fundamental, eu acho pra essa coisa, eu lembro que a gente fez uma greve geral, eu fui fechar a PUMAR, foi muito bom, eu adorei, era um monte de garota, era muita menina também que trabalhava, né, até que chegou uma época que a PUMAR começou a diminuir a sua produção e começou a botar o pessoal para trabalhar em casa, ela cedia as máquinas pro pessoal trabalhar em casa, eu acho que já era no momento que ela tava mais fragilizada, né, mas a PUMAR sem perda de dúvidas eu acho que foi uma das coisas que mais, uma das coisas que mais absorveu mão-de-obra em Mesquita e passou por gerações, gerações de jovens de Mesquita trabalhavam na PUMAR.

**(FATIMA)** – Elizana, eu gostaria de saber agora se você teria alguma pessoa, né, das suas relações que você conhece que seria interessante a gente estar conversando também sobre essa questão da emancipação?

**(ELIZANA)** – Fátima, eu não to lembrando, eu não sei se o Seu Expedito está em condições de falar, né, porque ele teve um derrame, seria alguém importante, é um daqueles velhinhos daquela época, não lembro, não lembro mesmo. Uma pessoa que talvez, não sei qual é a postura, qual é a posição, mas alguém que viu Mesquita crescer e esse lado principalmente é o Osmar da Casa de Material de



Construção, o Osmar tinha um burrinho, o Osmar fazia, ele até hoje tem a fotografia do bairro, talvez ele possa ser alguém interessante, não sei qual é a avaliação do Arthur. Mas como é alguém que cresceu junto com a cidade, talvez ele tenha algo importante pra dizer.

(FATIMA) – Ele ainda tem a loja de material de construção?

(ELIZANA) – Tem, é uma das maiores lojas, a loja Simone, fornecedora Simone.

(FATIMA) – Tá bom então Elizana, a gente quer agradecer a você a entrevista e a gente queria saber se você tem alguma coisa mais a falar.

(ELIZANA) – Eu acho que a Fátima entrou num desafio legal, isso que eu quero falar pra ela. E olhando daqui da casa da minha irmã aquele morro ali, eu acho que tem muita coisa ainda pra se pensar com relação à Mesquita. É, eu só espero que se a gente, que se nós viermos a conseguir fazer uma nova cidade com certeza ela vai “tá” junto pra poder falar do, da “antiga nova Mesquita”, a grande Mesquita nova que vai se tornar.

(FATIMA) – Elizana, voltando um pouquinho aqui, a gente já terminou, mas a gente tá voltando, é, eu queria que você falasse um pouco sobre uma pessoa que é sempre referenciada, né, e hoje nós mais uma vez a gente tá no processo de eleição nesse momento e a cidade, quer dizer, a cidade toda não, mas uma parte dela, né, fala nesse nesse homem, né, que foi o prefeito que tá licenciado, o José Montes Paixão e que, é, ele se intitulou e também acho que muita gente de “o Emancipador”, né, então eu queria que você falasse um pouco sobre como é que você vê, é, a figura dele, né, dele ou do grupo de pessoas nessa emancipação de Mesquita. Qual é o papel que você atribui a ele?

(ELIZANA) – É, no início era um movimento durante muito tempo, um movimento das pessoas, dos antigos de Mesquita, não era um movimento do Paixão, ele podia tá incluído entre os antigos. O Paixão entra na história, é, no impasse do plebiscito, no impasse pra conseguir a legalidade do plebiscito, do resultado pra segurar. Então o que fica pra população é uma gratidão como gana de emancipador, mas como sentimento de emancipação ele fica muito mais forte na Mesquita como um todo ou na sua grande maioria, inclusive que leva à emancipação, é mais pontual com a do no final, na metade dos anos 90, 94, 95, que leva inclusive à vitória e 95, só que fica de 95 a 99 a perspectiva de garantir que o plebiscito seja reconhecido, o papel do Paixão tá aí e ele aproveita isso como uma visão e as pessoas são gratas à ele por isso, porque se lembrar a história antiga do Paixão que a gente não conseguiu romper na eleição, era uma história de críticas, uma história de alguém que criou problemas pra cidade. Historicamente no início desde os anos 50,60, do 70, das histórias dos antigos lembram também de quem era o Paixão, o Paixão ele se, se, ele fica salvo diante da população com o papel que ele exerce pra assegurar que o plebiscito venha valer, é a gratidão, não tenho dúvida. O Paixão, ele entra, é, nesse período. Ele passa a ter importância nesse período, ele não faz parte da tradição da emancipação, a tradição tá com aqueles velhinhos principalmente da Chatuba, né, esses inclusive, é, se levarem a memória pro passado tem críticas à figura do Paixão do passado, então o movimento não é um movimento do Paixão, isso tem uma tradição, uma história e essa tá com os mais antigos que tinham (...) do movimento, o Paixão inclusive foi deputado durante esses anos no passado e isso já tava enterrado, a emancipação, o movimento que ele faz pra garantir a emancipação recupera e aí cria a imagem no emancipador, mas a tradição não está com ele, a tradição está com o movimento desde 50 do qual ele não fez parte. E isso é história, a gente conhece dessa época, mesmo 87, mesmo esse movimento, as discussões que rolavam na cidade, mesmo as que rolavam próximo à periferia que o PT tinha acesso não passavam por ele, passavam por pessoas históricas, antigas, mas não era ele o “Pai da Emancipação”, ele é o pai da resolução do problema lá na ALERJ, na justiça, ele é o emancipador por isso, agora tradição não é com ele.

Como Paixão entra na história